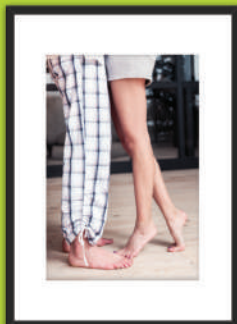


# Alice Clayton

Bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

# Alguém tem de ceder



**TOP  
SEL  
LER**

**Viver com um homem de sonho  
pode ser muito divertido...  
ou demasiado confuso!**



*Para o Peter,  
por estar lá antes, durante e, depois, para sempre.  
Obrigada por me manteres sã.  
O que é um termo relativo.*

*Beijos*

# prólogo

Foram os melhores tempos, foram os dias mais despidos...

## Dezembro

Nunca tinha passado um Natal longe da minha família. Para mim, o Natal é a família: direta, alargada e mais tarde criada. A minha família e amigos reúnem-se, as árvores são aparadas, os presentes são embrulhados, os brindes são feitos e mais depressa bebidos. É como o Norman Rockwell, mas com um tio bêbado. Não o mudava por nada deste mundo.

A não ser este ano. Este Natal foi completamente diferente. Foi um Natal Rockwelliano, mas com um cheirinho a Fodilhão.

Enquanto fotógrafo freelance, o Simon tinha um trabalho francamente fenomenal. Viajava pelo mundo todo com projetos para a *National Geographic* ou para o Discovery Channel, ou para quem quer que precisasse de um fotógrafo capaz de se aventurar nos lugares mais remotos da Terra. Este Natal estava a fotografar cidades europeias e as suas melhores decorações natalícias e esteve fora durante todo o mês de dezembro.

Desde que nos tornámos oficialmente um *casal*, instalámo-nos na nossa nova normalidade. Ele continuou a viajar para trabalhar, com

viagens marcadas um pouco por todo o mundo: Peru, Chile, Inglaterra e até um fim de semana prolongado em Los Angeles para fazer um ensaio sobre a Mansão da Playboy... Há vidas difíceis.

Mas, quando o Fodilhão viajante está em casa, bem, está *mesmo* em casa. E está comigo, no meu apartamento ou no dele. Está comigo nos jantares em casa da Jillian e do Benjamin, ou a jogar póquer com os outros dois casais que são os nossos melhores amigos. Está comigo, na minha cama ou na dele, na minha cozinha ou na dele, *na minha bancada ou na dele* — estamos em casa um com o outro.

Contudo, segundo parecia, o Simon *nunca* estava em casa durante o Natal. Aceitava trabalho em Roma, para cobrir a missa na Praça de São Pedro. Nas Ilhas Vanuatu, no Pacífico Sul, o primeiro fuso horário do mundo a celebrar as Festas. Num ano viajou para o Polo Norte e fez um anjo na neve à meia-noite.

É estranho, diriam? Nem por isso. Os pais dele morreram num acidente de viação quando o Simon estava no último ano do secundário. Aos 18 anos, ficou com o mundo todo virado do avesso. Sem mais família, saiu de Filadélfia alguns meses depois quando se inscreveu em Stanford e nunca mais olhou para trás.

Por isso, sim, o Natal era uma época difícil para ele. E eu estava a começar a entender melhor o meu Fodilhão; para lá do homem, do mito, da lenda. No geral, o período das Festas era difícil. E enquanto casal recente, passar o Natal com os *meus* pais seria um Assunto Muito Sério. Ele ainda nem os tinha conhecido, e o Natal da Família Reynolds talvez não fosse a altura ideal para dar esse passo tão grande enquanto *casal*.

Não fiquei surpreendida quando ele começou a fazer planos para estar o mês todo fora. A surpresa foi dele quando atrevidamente me fez de convidada para o acompanhar.

— De Praga vou para Viena, depois para Salzburgo e devo estar lá no Natal. Eles têm um festival em que...

— Tenho vontade de...

— Outra vez? Bolas, devo ser mesmo bom. Acabámos há menos de uma hora... — Colocou uma das suas mãos maravilhosas no meio das minhas pernas. Estávamos deitados na cama, já a noite de novembro ia

avançada. Ele ia ficar em casa durante alguns dias, porque estava entre viagens e aproveitávamos todos os bocadinhos.

— Não é isso. Quero dizer que vou contigo para a Europa. Gostava de passar o nosso primeiro Natal *contigo*, de verdade. E ia ser divertido!

— E os teus pais? Não vão ficar desiludidos?

— Vão, mas depois passa-lhes. Vai haver neve?

— Neve? Claro que vai haver neve! Tens a certeza de que queres vir? Nos últimos anos passei a maior parte dos Natais sozinho. E não, para mim não é nada de especial. Não me importo de ficar sozinho — disse, sem olhar para os meus olhos.

Sorri e levantei-lhe o queixo.

— Importo-me eu, está bem? Além disso, tenho férias na semana entre o Natal e o Ano Novo, por isso vou contigo. Está decidido.

— Você é tão mandona, menina Reynolds — disse ele, descendo a mão decididamente para sul da minha anca.

— Pois sou, Sr. Parker. Não pare o que estás a fazer... Humm...

E foi assim que dei por mim no meio de um verdadeiro conto de Natal. Fui para Salzburgo, na Áustria, onde ficámos numa pensão pequenina e maravilhosa no centro histórico da cidade — com a neve a cair, as árvores iluminadas com milhares de luzes cintilantes e o Simon estupidamente bonito de gorro de lã com um pompom no cimo. Numa atitude absolutamente turística, até arranjou maneira de andarmos num trenó puxado por um cavalo que tocava sininhos. Na Véspera de Natal, enroscada no Simon por baixo de um cobertor quente, olhei deslumbrada para a cidade e o luar refletido no rio.

— Estou tão contente por estares aqui — murmurou ele, mordendo-me ao de leve a orelha.

— Eu sabia que ias ficar. — Soltei uma risada enquanto ele deslizava a mão por debaixo da minha camisola.

— Amo-te — murmurou, com a voz tão doce como o mel.

— E eu amo-te mais ainda — respondi, com os olhos a brilhar, inundados de lágrimas.

Seria uma nova tradição? A ver vamos...



14 de fevereiro

Mensagens entre o Simon e a Caroline:

Acabei de chegar, estás pronta?

*Quase. Ainda tenho de me vestir. Sobe.*

Já estou nas escadas. Vamos chegar atrasados.

*Não vamos, não. Basta manteres as calças vestidas.*

Essa é nova!

*Para de dar pontapés na minha porta e entra!*

Carreguei em enviar e encostei-me à bancada da cozinha. Ouvia a chave dele na fechadura e abafei um sorriso travesso. Devíamos encontrar-nos com o pessoal para um jantar romântico dentro de 20 minutos. Com o trânsito e tudo, teríamos sorte se chegássemos dali a 40 minutos. E, se eu tivesse mais sorte ainda, nem íamos ao jantar.

— Querida! O que é que estás a fazer? Temos de ir! — disse ele. Ouvi-o a deixar cair o saco junto à entrada.

Enquanto percorria o corredor, suspirei dramaticamente e respondi:

— Decidi que não vou sair esta noite. Não me sinto lá muito bem.

— Ouvi-o parar de imediato e era capaz de apostar a minha panela *Le Creuset* em como ele estava a passar com as mãos pelo cabelo e a engolir um suspiro.

Andava há semanas a chateá-lo para me levar a sair no Dia dos Namorados e insisti que saíssemos com os nossos amigos. Mas ele só ia estar em casa durante uma semana e eu sabia que não havia nada que quisesse mais do que ficar em casa, vegetar no sofá e dormir com a namorada.

*Namorada.*

Ainda fico arrepiada quando penso nisto. Namorada do Simon. Houve uma altura em que ele tinha um verdadeiro harém. E agora sou a sua namorada.

Então, depois de andar a lembrá-lo durante metade de janeiro para estar em casa no Dia dos Namorados e de passar horas ao telefone com a Sophia e a Mimi a planear a noite romântica perfeita para os seis, a minha decisão de última hora para ficarmos em casa devia estar a fazê-lo questionar exatamente por que motivo pensara que precisava de uma namorada.

— Tens a certeza? Pensei que estavas determinada em...

Parou na esquina da cozinha. Empoleirada na bancada, de avental, um sorriso e saltos de 15 centímetros estava *moi*. Com uma tarte de maçã ao colo.

— Estou determinada, sim — disse-lhe. — Mas não para ir para um restaurante apinhado. Como podia ir só com isto vestido? Não me deixavam entrar. — Saltei da bancada e virei-me. Sim, estava de avental e apenas de avental. E de sapatos. Não podemos esquecer os sapatos.

— Caroline. Uau! — conseguiu ele dizer.

Sorri ainda mais.

— E tenho um doce.

— Pois tens.

— Tontinho. Fiz esta tarte para ti. Tens a tua própria tarte de maçã quentinha. A única coisa que precisas de fazer é vir até aqui buscá-la. — Parti um pedaço da massa e arrastei-a pela calda de açúcar e canela que escorria pelo lado. Será que ele queria primeiro um pedaço de tarte, ou um pedaço de Caroline?

Como se veio a revelar, queria as duas.

### *Abril*

— Estás a ver, achei que estávamos a fazer progressos. Vemos jogos de basebol juntos, eu dou-te bocadinhos de manteiga de amendoim e tu agora fazes-me uma coisa destas? Porquê? Por que *motivo* continuas a fazer isto? E pior, porque é que continuo a deixar que o faças?

Quando cheguei ao cimo das escadas ouvi a conversa no interior do meu apartamento. O Simon estava em casa sozinho — talvez estivesse ao telefone. Mas, quando entrei em casa, espirei para lá da esquina e encontrei-o sentado à mesa em frente ao meu gato, o *Clive*, com a camisola de Stanford no meio dos dois. No início da nossa relação, o *Clive* tinha «marcado o seu território» naquela camisola várias vezes, mas já há algum tempo que não sentia necessidade de mostrar ao Simon quem é que usava as calças lá em casa. Ambos achávamos que o *Clive* já tinha ultrapassado a questão. Mas parece que não...

Abafei uma gargalhada ao ver a seriedade com que o Simon fitava o *Clive* e a ligeireza com que o gato parecia encarar toda a situação, a abanar o rabo como se este não fizesse parte do corpo. Recuei silenciosamente pelo corredor e fiz questão de fazer um grande alarido com a maçaneta da porta, para o avisar de que tinha chegado a casa.

Quando cheguei novamente à sala de jantar, o Simon estava sentado a ler o jornal como se não se passasse nada. Não mencionou a conversa que acabara de ter com o meu gato.

E eu deixei-o ficar com a sua dignidade, e algumas horas depois fiz de conta que não reparei quando encontrei a camisola no lixo.

### *Maio*

Um barulho inundou o quarto, lacerando a noite e ecoando nos meus tímpanos. Um enorme alarido, um chinfrim de origem indeterminada arrancou-me dos meus sonhos com o Clooney. Estava encharcada em suor, com um corpo muito quente que se enrosca a mim pelas minhas costas, e um som horrível jorrava da sua boca, diretamente para o interior do meu cérebro. Procurei um ponto fresco na minha almofada e o calor dele atingia-me em ondas enquanto ele ressonava. — Oh, Deus, aquele rressonar agitava-me as entranhas.

Até o *Clive* se retirou para um local seguro em cima da cómoda.

Numa jogada completamente merdosa, própria do recreio da escola, cheguei as pernas para trás e dei um belo coice ao rapaz transpirado



e a ressonar que ocupava todo o espaço da a minha cama e arruinava os meus sonhos.

— Ai! — Acordou com um sobressalto, comprimindo inadvertidamente a pele quente contra a minha. Arranquei-me da cama e pus-me de pé por cima dele, abanando a almofada, que já não tinha nem um centímetro quadrado fresco.

— Querida, o que estás a fazer? Deste-me um pontapé? — perguntou o Simon, enroscando-se sobre si.

— Tens de parar com isso! — gritei.

— Parar? Parar com o quê? Vá lá... volta para a cama — murmurou ele, já a escorregar novamente para a terra dos sonhos, onde devia trabalhar numa serração de madeiras.

— Não te atrevas a adormecer outra vez! Já! Chega! De ressonar! — gritei, já completamente passada. Ver-me privada do meu sono sagra-do deixava-me um bocadinho possuída.

— Ressonar? Oh, vá lá, não pode ser assim tão mau... Mas que raio? Arranquei-lhe a almofada e a cabeça caiu-lhe em cima do colchão.

— Se eu não puder dormir, *ninguém* mais dorme! Tu estás a fazer muito *barulho* e estás muito *quente!* — continuei a gritar.

— Bem, a parte do quente até gostas, não gostas?

— Aaarrgghh!

— Espera, estás com TPM ou qualquer coisa do género? — perguntou ele, apercebendo-se quase imediatamente do seu erro e assumindo uma expressão receosa.

O Simon acabou a noite do outro lado do corredor, no seu próprio apartamento. Eu precisava de dormir.

## *Julho*

— Bolas, Caroline, isto foi espantoso.

— Sim, foi mesmo — ronronei, enquanto estendia as pernas à volta dele, puxando-o para mais perto, ainda a senti-lo dentro de mim. A sua respiração estava em sincronia com a minha e deixava-me ainda

mais relaxada enquanto lhe passava a mão na cabeça e fazia pequenos padrões com os dedos nas suas costas. Alguns minutos depois, apoiou-se num cotovelo e alisei-lhe o cabelo para trás.

— Não te vieste, pois não?

— Não, querido, mas mesmo assim foi fantástico.

— Deixa-me compensar-te — insistiu, movendo a mão entre os dois corpos. Quando o detive, ficou surpreendido. — Querida?

— Não é só isso que importa. Continua a ser fabuloso. Em algumas noites, estar assim perto de ti é tudo o que preciso — disse, puxando-o para baixo para mais um beijo, lento e doce. — Amo-te tanto — sussurrei-lhe, e o sorriso rasgado com que me respondeu derreteu-me o coração.

Depois do Grande Hiato de Orgasmos, como ficou oficialmente conhecido por toda a região, os O estariam sempre lá para mim? Claro que não, nem sempre. Mas na maior parte das vezes, sim, até em múltiplas ocorrências, e por vezes o O trazia o G com ele. Eram as noites em que quase desmaiava de prazer.

Mas, embora adorasse o sexo na bancada, o sexo do duche, o sexo no chão da cozinha e o sexo nas escadas — bem, nas escadas foi só uma vez — o sexo calmo e tranquilo continuava a ser o meu favorito. Quando o Simon ficava por cima de mim, a deixar-me sentir o peso do seu corpo e o amor que me comprimia, dentro de mim, a toda a minha volta. E, se numa destas ocasiões o O não aparecesse, não fazia mal.

Eu sabia que ele havia de regressar.

O Simon voltou para a cama a arrastar os pés, com uma garrafa de água na mão e o *Clive* atrás dele. O *Clive* agora ficava sensatamente longe das nossas relações; já atacara uma vez e quase levou um pontapé. Por isso agora abrigava-se da ação. O Simon ir buscar água era o sinal de que podia regressar e aninhar-se na cama.

Quando o Simon me passou a garrafa de água, liguei as notícias para consultar as previsões do tempo para o dia seguinte e ver se precisava de guarda-chuva. Cada um de nós estava no seu lado da cama, o *Clive* no meio, enquanto víamos o boletim meteorológico.

Era bom como o caraças.



Agosto

— Vá lá, sei que estás mortinho para o dizer.

— Acho que não preciso de dizer nada, Caroline. Os teus gemidos dizem tudo.

— Não, não, sei que queres. Vá lá.

— Muito bem. Eu bem te disse.

— Sentes-te melhor?

— Sim.

— Ótimo. Agora cala-te e deixa-me voltar para a minha massa.

O Simon riu-se enquanto eu sugava o meu *pho*, uma sopa vietnamita deliciosa. Acho que comê-la no Vietname fazia toda a diferença.

Mais uma vez, constava que ser a namorada do Simon era uma sorte e peras. Ele convidou-me para ir com ele numa viagem pelo Sudeste Asiático: Laos, Camboja e, por fim, Vietname. Não pude acompanhá-lo durante a viagem toda, mas pude juntar-me a ele em Hanói e passar uma semana com ele enquanto fotografava para a *National Geographic*. Andámos por cidades e aldeias, praias arenosas e cumes silenciosos de montanhas. Todos os dias comemos comida extraordinária, e amámo-nos todas as noites.

O nosso atual estado de deslumbramento incluía flutuar em Ha Long Bay, a comer uma refeição maravilhosa que tinha sido cozinhada na casa-barco onde estávamos instalados. Olhei para as ilhas minúsculas que quebravam a superfície da água como se fossem as escamas das costas de um dragão que nadava ali por baixo. O sol descia no horizonte e o Simon dera um mergulho para se refrescar do calor escaldante que se fazia sentir. A água escorria-lhe na pele, os calções de sarja colados às pernas e o tronco despido fizeram-me ficar com mais água na boca do que o *pho*, por isso, a vida corria-me bem.

De todas as viagens que já tinha feito com ele — as escapadinhas de fim de semana ou as viagens de semanas para locais exóticos — esta

era verdadeiramente especial. O Vietname era um local mágico, inebriante e magnífico. Já estava com vontade de regressar. E queria que fosse *ele a trazer-me* novamente.

Continuei a sugar a massa enquanto ele abria uma cerveja *Tiger* e sorrimos um para o outro. Os meses que passámos juntos tinham criado uma espécie de estenografia só nossa em que já não eram necessárias palavras. Quando me virei para observar o pôr do sol, ele puxou-me para o seu colo. Estávamos quentes e pegajosos, salgados da água e do suor. Há quase dois dias que vivia apenas com o meu biquíni verde e páreo e as mãos dele espalharam-se nas minhas ancas, com os dedos a enterrarem-se por baixo do tecido.

— É bom, não é? — perguntou ele.

— É tão bom. — Observei enquanto o sol mergulhava na baía, depois virei-me para trás e beijei-o, sentindo no estômago as borboletas que nunca se tinham ido embora. Esperava que nunca fossem.

### *Setembro*

— Olá.

— Olá, miúdo.

— Estás acordada?

— Nem por isso. Espera, o que estás a fazer aqui?

— Apanhei um voo mais cedo. Estava com saudades tuas.

— Mmm, eu também tive saudades tuas.

— Oh, uau, Caroline. O que é que tens vestido? Ou o que é que não tens vestido?

— Está muito calor para roupa.

— Acho muitíssimo bem — murmurou ele.

Deitado ao meu lado, o calor do corpo dele era bem-vindo, apesar da temperatura. As mãos moveram-se pelas minhas costelas em direção às ancas, arqueando-me o corpo para trás, enquanto eu gemia ao senti-lo; o meu corpo estava sempre preparado para reagir ao toque das mãos dele na minha pele. Parou momentaneamente para se despir e se

juntar à minha nudez, e eu arqueei novamente o corpo quando voltei a senti-lo, ansioso e pronto para me amar.

Acariciou-me os seios, com movimentos deliberados e provocadores. Reconheceu de imediato a reação que recebeu. Aninhou-se no meio das minhas coxas, puxou uma das minhas pernas para si e deixou-me pronta para o receber.

— Sim? — perguntou, com a respiração quente no meu ouvido.

— Sim. — Assenti com a cabeça, levando as mãos até ao cabelo dele, onde enterrei os dedos. Com um gemido, entrou em mim. E eu suspirei quando o senti, insistente e tangível, exatamente onde pertencia.

# capítulo 1

— **O**h, Deus.  
*Pum.*

— Oh, Deus.

*Pum, pum.*

— Não me digas estas coisas quando estou tão longe, Caroline — riu-se o Simon, com a voz baixa. Continuava a ter uma voz tão excitante como sempre.

— És tão tonto, Simon, só estou a reagir às batidas do outro lado da parede.

— Quem é que está do outro lado da parede?

— Um tipo com um martelo. Havia de o ver. É enorme.

— Vou ter de te pedir que não fales dos martelos dos outros tipos.

— Então anda para casa e deslumbra-me com o teu. — Soltei uma gargalhada e fechei a porta do escritório, para reduzir o barulho. Já não seria o meu escritório durante muito mais tempo. Estava a subir na vida — ou pelo menos a avançar pelo corredor. Era essa a origem de tanta batida: a renovação do meu novo espaço. Ia ter um escritório maior, de esquina, mesmo ao lado do da Jillian, a minha patroa e dona da empresa. Ia ter uma vista melhor da baía e quase o dobro do espaço do meu escritório atual, com uma pequena sala de entrada para um eventual estagiário.

Um dia destes era capaz de ter um estagiário. Como é que esta era a minha vida?

— Chego a casa amanhã. Achas que consegues controlar os pensamentos sobre o *meu* martelo até lá? — perguntou ele. Olhei para o calendário na minha secretária, com o dia da chegada do Simon dentro de um círculo vermelho.

— Vou fazer o meu melhor, amor, mas devias ver como o cinto de ferramentas dele é grosso. Não prometo nada. — O Simon gemeu e eu soltei uma gargalhada ainda maior. Adorava torturá-lo através de múltiplos fusos horários. — E não te esqueças do meu presente.

— Alguma vez me esqueço?

— Não, és um homem muito atencioso, não és?

— Não te esqueças do meu presente também — disse ele, novamente com a voz mais baixa.

— O baby-doll cor-de-rosa está pronto a entrar em ação; vou estar dentro dele quando chegares a casa.

— E depois vou estar eu dentro dele, ou por baixo, ou por cima, ou... ui, tenho de ir, o táxi chegou.

— Continuamos a conversa sobre roupa pessoalmente. Amo-te — disse eu.

— Também te amo — disse ele e desligou.

Fiquei a olhar para o telemóvel e a imaginá-lo a meio mundo de distância, em Tóquio. Só este ano ele já tinha amealhado mais milhas de voo do que a maior parte das pessoas conseguia juntar durante uma vida inteira, e ainda tinha viagens marcadas para o resto do ano.

Ainda estava a sorrir para o telemóvel quando a Jillian bateu à porta e entrou, sentando-se no canto da minha secretária.

— Estás a pensar em alguma coisa, Jillian? — perguntei, arrancando uma pétala já acastanhada de uma das rosas que tinha na jarra ao lado do seu traseiro vestido de caxemira.

— Vejo que *tu* estás a pensar em alguma coisa. Estavas a falar com o Simon? — perguntou, enquanto eu sorria com um ar travesso. — Ele é o único que te deixa com essa expressão luminosa no rosto.

— Pergunto-te novamente: estás a pensar em alguma coisa, Jillian?  
— repeti, espetando-a levemente com o lápis.

— Ando a pensar numa coisa que é capaz de te iluminar ainda mais o rosto, embora ele já esteja de uma cor de sopa de tomate muito interessante — brincou.

— O teu noivo acha-te tão irritante como as pessoas que trabalham contigo?

— Muito, muito mais irritante. Estás preparada para ouvir as grandes novidades ou queres continuar a chatear-me?

— Chuta! — disse, com um suspiro.

Adoro a minha patroa, mas ela tem uma certa tendência para o dramatismo. Como no ano passado, em que fez de casamenteira e tentou juntar-me ao Simon, mas enquanto fazia de conta que não sabia de nada. Ela tinha o coração no sítio certo. E o seu coração pertencia inteira e completamente ao Benjamin, que trabalhava em investimentos na banca. Estavam juntos há anos e iam finalmente dar o nó dali a algumas semanas, num casamento de que toda a cidade de São Francisco falava. O Benjamin era um homem de sonho que me deixava a mim e às minhas melhores amigas sem palavras e com a cabeça a andar à roda sempre que estava por perto. A Jillian sabia que todas tínhamos uma paixoneta nada secreta pelo seu noivo, e usava-o para nos provocar sempre que podia. Agora ia casar finalmente com o nosso homem de sonho e a seguir partiriam para uma lua de mel por toda a Europa.

— Então, recordas-te daquele trabalho que fizemos na primavera passada para o Max Camden? A casa vitoriana à beira da água, mesmo antes de a filha dele se casar?

— Sim, ele ofereceu-lha como presente de casamento. Quem é que faz uma coisa dessas?

— O Max Camden. Bem, ele é o dono do velho Hotel Claremont, em Sausalito, e está à procura de uma empresa de design para remodelar o hotel e lhe dar um ar mais moderno.

— Fantástico! Já fizeste a tua proposta? — perguntei, imaginando a propriedade. Situado na rua principal de Sausalito, o Claremont



já existia desde a viragem do século passado e era um dos poucos edifícios que sobrevivera ao Grande Terramoto.

— Não, porque quem vai fazer a proposta és tu. Se conseguires ganhá-lo, vais ser a designer principal deste projeto — esclareceu. — Achas que consigo assumir um compromisso desta envergadura? Mesmo antes do meu casamento? Não vou desistir da minha lua de mel por causa de trabalho. Ao longo dos anos já desisti de demasiadas férias.

— Eu? Não, não, não, não estou preparada para uma coisa destas; *tu* não estás preparada para um projeto assim, onde é que estás com a cabeça? — gaguejei, com o coração a bater-me na garganta. Isto era uma coisa em grande, caramba.

— Oh, por favor, tu és capaz. — Deu-me um pontapé suave. — Sentiste? É o meu pé, a dar-te um empurrão para fora do ninho.

— Hmm, pois, mas eu já saí do ninho há algum tempo, só que isto é diferente — protestei, a mastigar o lápis.

Ela arrancou-me o lápis da boca.

— Achas mesmo que te entregava um projeto destes se não achasse que estás preparada? E, diz-me a verdade, não estás nem um pouco intrigada com isto?

Aqui apanhou-me. Sempre quis fazer um projeto desta dimensão. Mas ser *de facto* a designer principal na renovação de um hotel inteiro?

— Sei que te estou a pedir muito, e que já vais estar à frente da empresa enquanto eu estiver de lua de mel. Achas mesmo que é demasiado para dares conta sozinha?

— Uau... é só que eu... uau — respondi, inspirando profundamente. Quando a Jillian me pediu inicialmente para manter a empresa em funcionamento enquanto ela estivesse ausente, pensei em coisas como certificar-me todas as noites de que o despertador estava ligado e pedir à Ashley que encomendasse natas para o café. A lista de tarefas foi aumentando à medida que os projetos se acumulavam, mas mesmo assim continuava a ser exequível. Mas isto?

Deixei a ideia repousar durante uns instantes. Será que era *capaz* de fazer uma coisa destas? A Jillian parecia pensar que sim.

— Hmm...

Imaginei o hotel: uma luz ótima, uma localização maravilhosa, mas a necessitar de uma enorme renovação. Já estava a pensar em potenciais paletas de cores quando a Jillian me bateu na cabeça com o lápis.

— Terra chama Caroline. Olá — disse ela, acenando a mão em frente ao meu rosto.

Sorri-lhe amplamente.

— Alinho, vamos lá então fazer isto — disse, já com a cabeça cheia de ideias.

Ela sorriu-me também e ofereceu-me o punho para eu bater.

— Vou avisar a equipa de que és tu quem vai apresentar o projeto.

— O mais provável é apresentar o meu vômito — disse, apenas meio a brincar.

— Certifica-te apenas de que condiz com os cortinados e vai correr tudo bem. Agora, vamos celebrar escolhendo a canção com que vou entrar na igreja. — Tirou o *iPod* do bolso e começou a percorrer a lista de músicas.

— Isso faz parte das minhas funções?

— Fazer-me as vontades? Sim, vai lá verificar o teu contrato. Então, quando for a entrar na igreja, que música devo...

Quando ela punha o Modo Casamento, não havia quem a conseguisse deter, por isso descontraí um pouco, apesar de ter a cabeça a mil. Isto era *mesmo* um projeto enorme, mas eu era capaz.

Não era?

Passei o resto da tarde a delinear o início da apresentação ao Max Camden. Enquanto ia buscar fotografias de arquivo do hotel e da área em redor, as ideias começaram a surgir. Ainda não estavam plenamente formadas, mas já indicavam o que podia vir a ser uma abordagem suficientemente interessante para o fazer apostar numa jovem designer. Sabia que a força das minhas ideias seria impulsionada pela reputação da Jillian; qualquer pessoa que fosse suficientemente boa para trabalhar para ela tinha normalmente o caminho livre. No entanto,

continuava a ser importante que as minhas ideias fossem as melhores — e queria que este conceito fosse épico.

Ainda estava a matutar sobre o projeto quando rodei a chave na fechadura da minha porta da frente e ouvi um baque surdo, seguido de patitas a vir na minha direção.

*Clive.*

Empurrei a porta e fui recebida pelo meu maravilhoso gato, o meu pedacinho de céu felino. Numa explosão de pelo cinzento, os meus tornozelos foram rodeados pelo ronronar e por turras meigas, mas insistentes.

— Olá, meu amor, portaste-te bem hoje? — perguntei, debruçando-me para lhe fazer uma festa no pelo sedoso.

O *Clive* arqueou-se contra a minha mão para me assegurar de que sim, ele era de facto um amor de gato e portou-se muito bem. Como se quisesse ralar comigo por o deixar sozinho durante mil anos, «arrulhou» e miou, puxando-me para a cozinha.

Conversámos enquanto lhe preparava o jantar, coisa que obviamente era a minha verdadeira missão na Terra, e fomos falando sobre os assuntos normais e corriqueiros. Que pássaros tinha visto da janela, se tinham saído rolinhos de pó de baixo da cama e se mais tarde ia encontrar brinquedos escondidos nos meus chinelos de quarto ou não. Ele não me deu uma resposta clara a esta última pergunta.

Quando a taça da comida já estava no chão, o *Clive* ignorou-me por completo, e eu fui para o quarto para vestir qualquer coisa confortável. Puxei a camisola de gola alta e fui até à cómoda espelhada para pegar numas calças de yoga. Enquanto vestia a camisola, o meu coração parou de bater porque ao olhar pelo espelho vi alguém sentado na minha cama. O instinto entrou imediatamente em ação e virei-me, de punhos cerrados, com um grito pronto a sair.

O meu cérebro só processou que era o Simon quando o punho já ia a meio caminho.

— Ei, ei, ei! Mas que *diabo*, Caroline! — gritou ele, enquanto se agarrava ao maxilar.

— Mas que diabo, Caroline? Mas que diabo, *Simon!* O que raio estás a fazer aqui? — gritei de volta. Era bom saber que se um dia fosse atacada de verdade não ia ficar paralisada.

— Vim para casa mais cedo para te fazer uma surpresa — conseguiu dizer, esfregando o maxilar, com uma careta.

Ainda tinha o coração a bater descompassado no peito e, enquanto tentava acalmar-me, vi a mala no canto. Não a tinha visto quando entrei no quarto. Olhei para baixo e vi que ainda tinha a camisola de gola alta pendurada ao pescoço, como se fosse um cachecol.

— Ai, estou capaz de te matar! — gritei novamente, empurrando-o para a cama. — Ias-me matando de susto, seu idiota!

— Estava a planear ligar-te para te dizer que já aqui estava, mas se o tivesse feito tinha perdido a tua conversa com o *Clive*. E não quis interromper. — Sorrii com um ar malandro por baixo de mim, colocando as mãos em volta da minha cintura e enfiando os dedos nas presilhas do cinto.

Corei.

— Traidor! — gritei para o corredor. — Podias ter-me dito que estava aqui alguém. És um péssimo gato de vigia!

Um miado desinteressado foi a resposta que obtive.

— Eu não sou propriamente *alguém*. Acho que tenho uma categoria um pouco mais elevada — disse ele ao lado do meu pescoço, que agora enchia de minúsculos beijos. — E então, vais dizer olá ao teu namorado, que atravessou metade do globo para te mostrar o seu martelo, ou vais dar-me mais um murro?

— Ainda não sei bem; continuo um pouco assustada. O meu coração está literalmente a mil, consegues sentir? — perguntei, pressionando a mão dele por cima do lado esquerdo do meu peito.

Só para ele poder sentir o meu coração a bater. Pois. Foi mesmo só por isso. Na verdade, o coração estava deliciado por ter o Simon em casa mais cedo; ele adorava um bom reencontro romântico. Também havia outras regiões corporais que estavam igualmente deliciosas.

— Vês, pensei que o coração estava a bater assim por *mim* — disse ele com uma risada baixa, mergulhando o nariz na minha clavícula enquanto «sentia o meu coração».

— Vai sonhando, Fodilhão — disse, fingindo indiferença. A verdade? O meu coração já estava em modo Simon e estava *de facto* a pulsar por ele. E por falar em pulsar...

— Então, vieste para casa mais cedo só para me ver? — Arqueei junto ao ouvido dele, com um beijo húmido mesmo por baixo. As mãos dele enterraram-se um pouco mais nas minhas ancas enquanto se virava na cama.

— Vim.

— Achas que podes ajudar-me com esta camisola?

— Posso.

— E depois, queres mostrar-me o teu martelo? — perguntei, aninhando-me e colocando as pernas em volta do seu corpo. Como resposta, puxou-me para cima e deixou-me sentir o martelo propriamente dito. Ri-me. — Humm, vais dar-me marteladas?

Ele puxou-me a camisola, depois desapertou-me o soutien e os meus seios ficaram soltos, incendiando-lhe os olhos e fazendo-os focarem-se imediatamente.

— Chega de perguntas — disse ele, sentando-se por baixo de mim e puxando-me para cima.

Fiz o gesto de correr um fecho sobre os lábios mesmo antes de ele me deitar de costas. Deus do céu, adorava este homem.

Os lábios dele dançaram pelas minhas clavículas, mordendo-me ocasionalmente de uma forma que sabia que me deixava sempre bem quente, e *depressa*. Entendia-o; também tive saudades dele. Arqueei as costas e comprimi os seios contra ele, contorcendo-me e mexendo-me para estar tão em contacto com ele quanto possível; a minha pele precisava de sentir a dele. Um ano depois, ainda era capaz de me deixar de rastos só com um toque, um beijo, um olhar.

Afastei-me um pouco dele, virando-nos mais uma vez, e tirei-lhe as calças de ganga.

— Tira isto, já — instruí.

O cinto desapareceu, os botões abriram-se e, quando lhe puxei as calças, vi que o meu homem andava mais uma vez à vontade.

Era como se ele tivesse sido colocado na Terra só para me enlouquecer por completo.

Enfiei uma mão pelas calças e agarrei-o com firmeza, sentindo como estava duro; pronto para me levar na minha própria volta ao mundo.

— Porra, tive mesmo saudades tuas — disse ele, ofegante, com o corpo esguio e tonificado. Deslizei pela cama abaixo, lambendo e beijando avidamente a pele dele. As mãos seguraram-me no rosto, os dedos voaram sobre as faces e puxou-me o cabelo para trás. Para poder ver.

Envolvi-o completamente com a boca. As mãos seguraram-me com força no cabelo, imobilizando-me ali, exatamente onde me queria.

— Humm, Caroline — gemeu, fazendo um movimento muito ligeiro. Ligeiro, o caraças... Não era assim que as coisas iam ser.

Recuei e envolvi-o novamente, com força. Acariciei-o com as mãos, alternando o toque para ele nunca saber o que esperar nem de onde, usei a boca e a língua para o tentar, fazendo com que a boca divinal dele proferisse as palavras mais docemente obscenas. A mesma boca que sabia que ia vingar-se com a mesma doçura e intensidade em todo o meu corpo.

Adorava-o assim, adorava conseguir deixá-lo à beira da loucura. Mas, mesmo antes de ir longe demais, puxou-me para cima do corpo dele e tirou-me as cuecas mais depressa do que eu consegui dizer «Ei, essas cuecas são minhas».

A seguir, levantou-me a saia e empurrou os meus joelhos com o dele. A olhar intensamente para mim com aqueles olhos cor de safira, percorreu o meu corpo com os dedos, trespassou-me, fazendo-me gemer e gemer, estremecer e vibrar.

— És tão linda assim — disse ele arquejante, e eu gritei.

— Preciso de ti, Simon... Por favor, preciso de ti! — Estava pronta para arrancar o cabelo da cabeça e atirá-lo para ele se isso fizesse com que entrasse em mim mais depressa.

Quando ele deslizou para aquela que era a sua casa, todos os pensamentos se esfumaram da minha cabeça. Enquanto se comprimia contra mim, a única coisa que me assaltava eram sensações fantásticas, esmagadoras.

— Deus, isto é maravilhoso — gemi, com a sensação do corpo dele a encher o meu, a inundar-me de deslumbramento.

E, quando se virou ao contrário para eu ficar por cima enquanto ele investia com força por baixo de mim, bem, foi absolutamente perfeito.

Até um pouco mais tarde, quando estávamos caídos num monte de membros encharcados em suor e ele me perguntar se tinha gostado do martelo dele.

Depois disso foi mais do que perfeito.

## capítulo 2

**N**a manhã seguinte, rastejei por debaixo do Simon a dormir. Depois de uma segunda ronda de marteladas, quando ele se deixou cair em cima de mim, completamente exausto e... Esperem lá. Sabem como nos romances dizem que o homem desabou por cima da mulher, esgotado e exausto? Acrescentem a isto um voo transatlântico e obtêm o que aconteceu ao Simon. Ele colapsou literalmente em cima de mim, saciado e refém do *jet lag*. Mal tive tempo de ligar o despertador quando 86 quilos de corpo quente caíram em cima de mim, sem me deixarem levantar.

Mas quando estamos há semanas sem esses 86 quilos na nossa cama, a verdade é que até é agradável dormir assim por baixo dele. Ou pelo menos ligeiramente ao lado. Eu amava o Simon, mas também amava os meus rins.

Depois de cuidar do *Clive*, tomei um duche rápido. Quando acabei de me vestir já ele estava no seu posto à janela, a certificar-se de que o bairro continuava no mesmo sítio. Apanhei o cabelo húmido num rabo de cavalo e parei um instante a admirar o Simon; nariz forte, maçãs do rosto bem esculpidas, barba de alguns dias e os lábios carnudos que entoaram o meu nome várias vezes na noite anterior antes de... Humm.



Fiquei mais um instante a apreciar a obra de arte à minha frente: o corpo dele todo estendido, braços por cima da cabeça, tronco longo e esguio e nada entre ele e o lençol a não ser a promessa de algo bom.

Abanei a cabeça para clarear as ideias, atravessei o quarto e sentei-me ao lado dele. Ainda a dormir, murmurou e estendeu os braços para mim. A sorrir, deixei-me apanhar naquele abraço sonolento e beijei-o na testa até os seus maravilhosos olhos azuis se abrirem para olharem os meus.

— Bom dia, amor. — Sorri quando ele se comprimiu mais contra mim. Já conhecia este jogo. E não tinha tempo para ele. — Não, não, tenho de ir embora. As meninas estão à minha espera. — Conseguia sempre arranjar tempo para ir tomar o pequeno-almoço com as minhas duas melhores amigas, a Mimi e a Sophia, com ou sem o Fodilhão.

— Meninas? Onde julgas que vais? Eu acabei de regressar — queixou-se, ainda meio a dormir.

— Vou tomar o pequeno-almoço com as meninas. Tu só devias chegar amanhã, lembraste?

— Mas agora já estou aqui — murmurou ele, a esforçar-se para abrir os olhos.

— Ficas aqui e dormes mais um pouco. Sei como estás cansado — murmurei, beijando-lhe a testa mais uma vez e arranjando os lençóis por cima dele. O que era realmente uma pena, porque, vá lá, o Simon numa cama? Era quase um pecado tapar aquele corpo.

Mas, conforme agarrava a almofada e se aninhava, parecia estar mesmo confortável. Com um suspiro profundo disse:

— Vou ficar aqui e dormir mais um pouco.

Abafei uma gargalhada enquanto ele deslizava para a terra dos sonhos.

Fui até à porta da frente e assenti com a cabeça para o *Clive* ao vestir o casaco.

— Está tudo bem lá fora? — Ele olhou mais uma vez para a janela e novamente para mim. Pestanejou e tenho a certeza de que a seguir encolheu os ombros.

Sorri e deixei os meus meninos para ir tomar o pequeno-almoço com as minhas meninas.

— Quero dois ovos mexidos bem secos, torradas de trigo integral com manteiga de amendoim, uma taça de frutos vermelhos e café, por favor.

— Eu quero a omelete de claras com espinafres, tomate e queijo feta, sem torradas, e um batido de morangos, por favor.

— E eu quero um prato grande de waffles com xarope de mirtilo e natas, por favor, com uma dose de bacon, salsichas e um leite com chocolate. E traga-me também uma dose de arroz doce, sim?

Desde o nosso ano de caloiras em Berkeley que tomava os pequenos-almoços com a Mimi e a Sophia. Nós as três conhecíamos-nos extraordinariamente bem, tão bem que éramos capazes de dizer como as outras se estavam a sentir só com base naquilo que pedíamos ao jantar.

Eu e a Mimi erguemos as sobranceiras uma para a outra enquanto a Sophia pedia a comida e depois voltava à construção de uma cidade com os frasquinhos de compota. Era uma construção bastante elaborada, já com vários edifícios. Encolhi os ombros quando a Mimi inclinou a cabeça na direção da Sophia, tentado fazer com que fosse eu a abordar o assunto.

— Parem lá de falar de mim e tragam-me as compotas da mesa de trás — disse a Sophia bruscamente, levantando os olhos da sua Cidade de Doce. Revirei os olhos e peguei nas compotas.

— Toma lá. Certifica-te de que pões um telhado na Câmara Municipal. — Assenti com a cabeça para a adição mais recente.

— Não, Caroline, a Câmara Municipal é aqui *em baixo*. Agora estou a trabalhar no quartel dos bombeiros — fungou.

As sobranceiras da Mimi ergueram-se em direção ao cabelo.

— Pronto, já chega. Vou fazer uma intervenção — afirmou, estendendo o braço para varrer a cidade da mesa.

— Tocas nisto e dou-te um murro na garganta — avisou a Sophia, com a boca fixa numa linha sombria.

— Meninas, não vamos recorrer à violência logo de manhã tão cedo, está bem? Ainda nem sequer bebi café — disse, no instante em que o empregado de mesa trazia o meu café. — Oh, pronto, não importa. Esgadanhem-se as duas. — Soltei uma gargalhada e recostei-me na cadeira.

A Sophia deitou a língua de fora à Mimi, o que fez nascer um pequeno sorriso no seu rosto minúsculo. Naquela manhã, a Mimi estava maravilhosa, como sempre, com uma saia de xadrez, meias até ao joelho e uma camisola de gola alta. Bastava dar-lhe uma mochila e fazer-lhe duas tranças para parecer uma menina de escola — tenho a certeza de que o noivo dela, o Ryan, iria adorar esta roupa.

Sim, a Mimi e o Ryan estavam noivos. Numa cena que parecia retirada de uma comédia romântica, a Mimi e a Sophia conheceram os seus príncipes encantados na mesma noite. Os melhores amigos do meu Simon, o Ryan e o Neil, ficaram caidinhos pelas minhas meninas. Isto depois de uma pequena troca de casais. Assim, entre a Jillian e o Benjamin, e agora a Mimi e o Ryan, o meu pequeno círculo de amigos em São Francisco estava a ser invadido por uma febre de casamentos.

Mas uma parte do meu círculo estava quebrada. Com o coração despedaçado.

Enquanto a Sophia e a Mimi resmungavam uma com a outra, reparei mais uma vez como a Sophia parecia cansada. Ela não andava a dormir bem — e não a podia culpar por isso.

Quando nos contou que o Neil a tinha traído, ficámos sem saber o que fazer. O nosso primeiro instinto foi atear fogo ao carro dele, coisa que o Simon sensatamente nos convenceu a não fazer. Uma acusação de fogo posto é uma coisa séria para carregar para o resto da vida.

Durante um breve e louco instante, pensámos em entrar de rompante no estúdio onde ele trabalha e dizer aos seus ouvintes que escutam as notícias desportivas pela boca de um patife traidor, mas, mais uma vez, ideias mais sensatas prevaleceram.

Por isso, eu e a Mimi limitámo-nos a ficar ao lado da nossa amiga, enquanto ela desmoronava.

Começou quando recebi uma chamada da Sophia já muito tarde, passava da meia-noite. Ela praguejava e dizia asneiras sem parar; os marinheiros de todo o mundo ficariam orgulhosos. Só consegui apanhar algumas frases ocasionais como «cabrão traidor» e «a lata daquele sacana» e «tenho os tomates dele na mão». Quando chegou ao meu prédio e subiu as escadas, as asneiras já estavam a abrandar e as lágrimas caíam-lhe ferozmente pelo rosto abaixo. Recusou a minha oferta para beber um chá, engoliu um uísque e contou-me o que aconteceu. Quando a Mimi conseguiu chegar à minha casa, já eu sabia de tudo.

O Neil tinha ido jantar com uma antiga namorada. Parece que o jantar se transformou num copo e o copo a seguir transformou-se em beijos. Ou *num* beijo, dependendo de quem contava a história. De qualquer maneira, foi o que fez com que a Sophia atirasse com as chaves do carro dele para a sanita e puxasse o autoclismo.

Ficámos todos atordoados. Eles pareciam tão felizes; eram uma combinação perfeita e doida da melhor forma possível. O Neil era o pivot das notícias desportivas locais, era bonito, doce, um amor, o típico bom rapaz. E também era um traidor, coisa de que ninguém estava à espera.

Ela acabou de imediato a relação com ele, lívida. Recusou-se a voltar a vê-lo, recusou-se a devolver as suas chamadas e frustrou qualquer tentativa do Simon ou do Ryan de a colocarem em contacto com o Neil. Ficou muito zangada, depois ficou realmente triste e agora estava...

Bem, já se tinham passado algumas semanas e ela estava sentada no restaurante, de pijama e com o maravilhoso cabelo ruivo desalinado em volta do rosto inchado, sem maquilhagem, mas com mais seis quilos, a construir uma cidade com compotas. Outrora uma criança prodígio na música, a Sophia era violoncelista na Sinfónica de São Francisco. Uma das mulheres mais bonitas e bem-sucedidas de São Francisco estava agora a fazer nevar na Cidade do Doce. Deus do céu... não com caspa, mas com pacotes de açúcar.

— Sophia, para, para com isso... para! — gritei, agarrando-lhe na mão e espalhando açúcar por todo o lado. — Já chega. Não vale a pena fazeres mais beicinho, nem esconderes-te mais. Isto é ridículo!

— Isso! — intercedeu a Mimi.

— A sério, isto já durou tempo suficiente. Não me apetece estar a criticar demasiado, mas por amor de Deus, mulher, lava-me esse cabelo!

— Isso! — repetiu a Mimi.

— Tu és boa como o milho, és completamente espetacular, és um partido e peras. E se o parvalhão do Neil não te pode ter de volta, o que é que isso importa? Porque tu é que és absolutamente espetacular, porra — concluí.

— Isso mesmo, porra! — Foi a contribuição da Mimi.

A mesa ficou em silêncio. A Sophia brincou com um último pacote de açúcar, passando-o ao longo das unhas, depois parou e olhou intencionalmente para elas. Estavam roídas até ao sabugo, irregulares e com o verniz a descascar. Suspirou e a seguir levantou os olhos para nós, com duas lágrimas gordas a caírem-lhe pelo rosto abaixo.

— Eu odeio-o — murmurou, inspirando trémula. — E tenho saudades dele.

— Nós sabemos, querida — disse a Mimi, puxando a mão da Sophia para dentro da sua.

Debrucei-me e dei o meu guardanapo à Sophia, que ela usou para limpar os olhos. Olhou para baixo, para a camisola toda amarrotada e com nódoas.

— Eu cheiro um bocadinho mal — disse com uma careta.

— Nós sabemos, querida — repetiu a Mimi, o que arrancou um sorriso dos lábios da Sophia, coisa que já não acontecia há algum tempo.

Um tom suavemente rosado voltou a subir-lhe ao rosto. Foi buscar um elástico à mala e atou o cabelo despenteado num puxo, afastando-o do rosto. Levantou a cabeça quando o empregado nos trouxe a comida e arregalou os olhos ao ver a quantidade de coisas que pedira. Quando ele se foi embora, desdobrou o guardanapo e pousou-o no colo.

— Pronto, já chega de lamentações. Pedi a comida, agora tenho de a comer. Mas, a partir desta tarde, acabaram-se as lamentações e isso inclui comer como um rapaz de 13 anos.

— Os rapazes de 13 anos precisam de comer assim. Têm de manter as forças para aguentarem as inúmeras ereções diárias — disse a Mimi, muito casualmente, separando os mirtilos das framboesas, alinhando-os depois num dos lados do prato, como minúsculas bolas de canhão. Eu e a Sophia ficámos a olhar para ela enquanto nos explicava o impacto extremo das ereções na vida social dos jovens rapazes que começavam o secundário. Conforme o seu noivo, que aparentemente era perito na questão, lhe contara.

— O Ryan contou-te mesmo estas coisas todas? — perguntei, enquanto bebericava o meu batido.

— Contou, ele disse que quando tinha essa idade mal conseguia manter as mãos fora das calças — continuou, sem se dar conta da atenção que a nossa conversa atraía por parte da mesa atrás de nós.

— Tu e o Ryan parecem ter muito em comum — disse a Sophia, abanando a cabeça incrédula enquanto a Mimi exemplificava uma «técnica» em particular que o adolescente Ryan pelos vistos empregava.

— Ai, pronto, pronto, já chega! — protestei, abanando as mãos. — Já é suficientemente mau não conseguir olhá-lo nos olhos da próxima vez que estiver com ele, não preciso cá de pormenores de como batia uma. Vamos mudar de assunto. Quem é que tem novidades?

A secção de coscuvilhices do pequeno-almoço começara oficialmente.

— Ok, começo eu. Descobri que o Palácio de Belas Artes *está* disponível; parece que a minha receção de casamento vai ser lá! — cantarelou a Mimi.

— A Jillian pediu-me para liderar a equipa que vai apresentar uma proposta de renovação do Hotel Claremont em Sausalito — disse eu.

— E eu passei as últimas três semanas envolta numa nuvem negra, por isso não tenho novidades. Mas sabiam que o meu cabelo está suficientemente comprido para me conseguir sentar sobre ele, se me inclinar para trás? — disse a Sophia.

Mastigámos um pouco.

— Sabiam que tive um cliente que me pediu para lhe organizar a coleção porno? — perguntou a Mimi.

**S**imon e Caroline vivem ao lado um do outro, são namorados e estão em plena fase de lua de mel – a vizinhança bem pode dar conta da paixão intensa entre estes dois!

No entanto, devido às carreiras exigentes de ambos, que os obrigam a estar algum tempo separados, Caroline e Simon têm de aproveitar todos os momentos juntos. E as coisas funcionam bem assim, pois a distância faz com que o reencontro seja mais doce. Mas quando Simon se cansa da vida nómada e volta a casa de modo inesperado... as coisas complicam-se.

Caroline tem um projeto muito importante em mãos e, na ausência da sua chefe, está a gerir sozinha a empresa, pelo que o facto de Simon estar sempre em casa, a exigir-lhe atenção constante, revela-se um problema. Os dois terão de chegar a um acordo... e depressa! É que, apesar de os dias de frustração sexual terem ficado para trás, a vida de casal tem muito que se lhe diga!

## Poderá uma lua de mel durar 365 dias?

Saiba mais sobre a paixão de Caroline e Simon:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-548-5



9 789896 685485

Ficção Romântica